

ANDRESSA COLOMBO BARBOSA
NILDA DA SILVA PEREIRA

**ENSINO DE GEOGRAFIA:
UMA SEQUÊNCIA
DIDÁTICA INCLUSIVA
JUNTO A ESTUDANTES
COM DEFICIÊNCIA
INTELLECTUAL NO ENSINO
FUNDAMENTAL**



ANDRESSA COLOMBO BARBOSA
NILDA DA SILVA PEREIRA

**ENSINO DE GEOGRAFIA:
UMA SEQUÊNCIA DIDÁTICA
INCLUSIVA JUNTO
A ESTUDANTES COM
DEFICIÊNCIA INTELECTUAL
NO ENSINO FUNDAMENTAL**

1ª Edição

Diálogo Comunicação e Marketing

São Mateus

2025

Ensino de geografia: Uma sequência didática inclusiva junto a estudantes com deficiência intelectual no ensino fundamental © 2025, Andressa Colombo Barbosa e Nilda da Silva Pereira.

Orientadora: Prof.^a Doutora Nilda da Silva Pereira.

Curso: Mestrado Profissional em Ciência, Tecnologia e Educação.

Instituição: Centro Universitário Vale do Cricaré – UNIVC.

Edição: Ivana Esteves Passos de Oliveira.

Projeto gráfico e editoração: Diálogo Comunicação e Marketing.

Diagramação: Ilvan Filho.

DOI: 10.29327/5714356

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

B238e Barbosa, Andressa Colombo.
 Ensino de geografia: Uma sequência didática inclusiva
 junto a estudantes com deficiência intelectual no ensino
 fundamental / Andressa Colombo Barbosa, Nilda da Silva
 Pereira.

São Mateus, ES : Diálogo Comunicação e Marketing, 2025.

27 p. : il. foto. color. ; 21 cm.

ISBN 978-65-6013-170-5

1. Geografia – Estudo e ensino. 2. Educação inclusiva.
I. Pereira, Nilda da Silva. II. Título.

CDD – 372.89



SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	05
OBJETIVO	07
SEQUÊNCIA DIDÁTICA I	08
Introdução ao tema	08
Construção do mapa tátil	09
Materiais necessários	12
Avaliação	13
SEQUÊNCIA DIDÁTICA II	15
Introdução ao tema	15
Materiais necessários	17
Confecção das caixas táteis	17
Caixas táteis prontas	21
Avaliação	23
REFERÊNCIAS	25
AS AUTORAS	26



APRESENTAÇÃO

Esta cartilha foi elaborada como produto educacional da dissertação “Ensino de Geografia: uma sequência didática inclusiva junto a estudantes com deficiência intelectual no Ensino Fundamental”. Seu propósito é oferecer aos professores da Educação Básica orientações para aplicar duas sequências didáticas que utilizam materiais didáticos táteis como instrumentos de mediação da aprendizagem em Geografia, com foco nos conteúdos de cartografia e biomas africanos.

O trabalho parte do reconhecimento de que a inclusão escolar vai muito além do acesso físico ao espaço da sala de aula: ela envolve a garantia de participação, permanência e sucesso escolar de todos os estudantes, em especial daqueles com deficiência intelectual. Esses educandos, historicamente marcados por estigmas a respeito de suas potencialidades (Silva, 2016), demandam práticas pedagógicas que considerem suas especificidades e criem condições reais para a construção do conhecimento. Como afirma Vygotsky (1995), a aprendizagem tem papel essencial no desenvolvimento mental e deve ser planejada como processo de mediação intencional e transformadora.

A proposta apresentada nesta cartilha nasce, portanto, da necessidade de tornar o ensino de Geografia mais acessível, participativo e inclusivo, respeitando os diferentes ritmos e modos de aprender dos estudantes. As meto-



dologias aqui descritas foram aplicadas em contexto escolar e demonstraram contribuições significativas, como a ampliação do vocabulário geográfico, a construção de habilidades espaciais e a melhor compreensão das relações entre sociedade e natureza.

Entre os recursos propostos, destacam-se as caixas táteis dos biomas africanos, elaboradas com diferentes texturas, cores e materiais que representam a diversidade ambiental do continente. Esses recursos facilitam a compreensão de conceitos geográficos abstratos e favorecem a autonomia, a interação e o protagonismo dos estudantes no processo de aprendizagem (Silva; Laranja, 2020).

Outro destaque é a utilização dos mapas táteis, que ampliam as possibilidades de leitura e interpretação do espaço geográfico por meio de estímulos sensoriais. A cartografia tátil, ao articular ciência, arte e técnica na construção de representações acessíveis, constitui-se em ferramenta pedagógica necessária para o desenvolvimento do pensamento espacial e para a apropriação de noções como localização, escala e distribuição (Carmo, 2009; Taylor, 1994). Nesse sentido, os mapas tornam-se instrumentos de inclusão ao contribuir para experiências significativas de representação do território.

Ao reunir fundamentos teóricos, orientações práticas e sugestões metodológicas, esta cartilha busca contribuir para o fortalecimento de uma educação geográfica inclusiva, comprometida com a diversidade e com o direito de todos à aprendizagem.

OBJETIVO

Favorecer a aprendizagem de conteúdos geográficos relacionados à cartografia e aos biomas africanos por meio da utilização de materiais didáticos táteis, considerando as especificidades dos estudantes com deficiência intelectual em uma turma do Ensino Fundamental II.





SEQUÊNCIA DIDÁTICA I

APRESENTAÇÃO DA SEQUÊNCIA

- **Tema:** Cartografia Africana
- **Público-alvo:** Estudantes do Ensino Fundamental II
- **Duração:** 3 a 4 aulas (50 min cada)
- **Objetivo:** Estimular a leitura e a interpretação de mapas por meio da confecção de materiais táteis.
- **Habilidades da Base Nacional Comum Curricular (BNCC):**
(EF08GE18) Elaborar mapas ou outras formas de representação cartográfica para analisar as redes e as dinâmicas urbanas e rurais, ordenamento territorial, contextos culturais, modos de vida e usos e ocupação de solos da África e América.

1. INTRODUÇÃO AO TEMA

A aula iniciará com uma abordagem expositiva dialogada, convidando os estudantes a refletirem sobre a importância da África no cenário geográfico mundial. O professor deverá apresentar mapas físicos e políticos do continente, preferencialmente com recursos visuais (slides) de



fácil leitura, para favorecer a compreensão de sua localização, extensão territorial e diversidade geográfica.

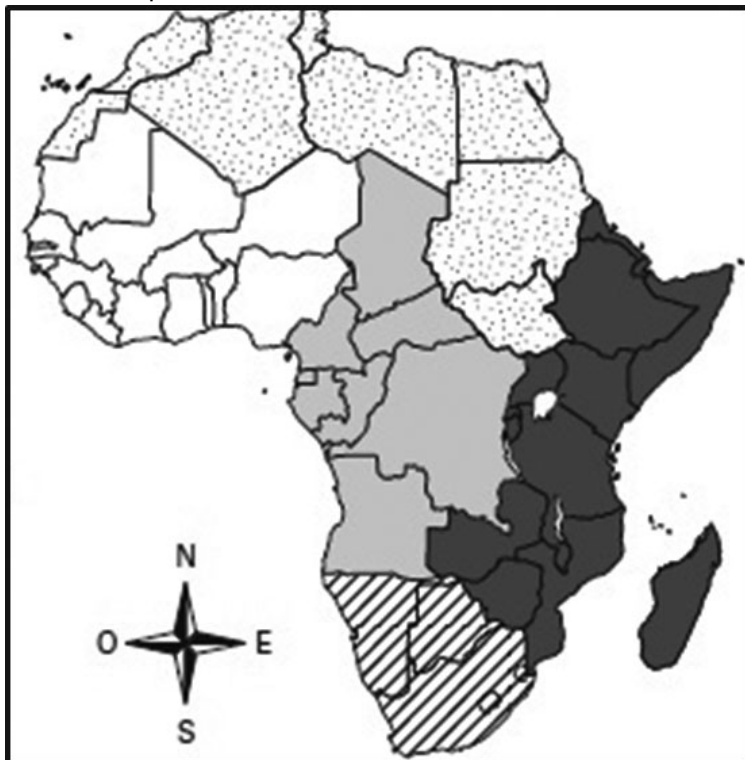
Em seguida, será conduzida uma conversa coletiva sobre orientação espacial e pontos cardeais com os estudantes por meio de perguntas, exemplos do cotidiano e relações com conhecimentos prévios. Esse momento inicial tem como objetivo despertar o interesse pelo tema, introduzir conceitos cartográficos e preparar a turma para as etapas seguintes da sequência didática.

2. CONSTRUÇÃO DO MAPA TÁTIL

Após a introdução teórica, os estudantes deverão iniciar a construção do mapa tátil do continente africano utilizando materiais recicláveis e texturizados (areia, papelão, lixa, algodão, entre outros). O professor poderá entregar um modelo de mapa já regionalizado como base para a atividade, facilitando a identificação das regiões e a compreensão dos limites territoriais.

Para apoiar esse momento, recomenda-se apresentar um exemplo de mapa adaptado que pode servir de referência para a elaboração do material em sala de aula (Figura 1). A observação deste modelo auxiliará na organização das informações espaciais e na escolha dos materiais mais adequados para representar diferentes elementos geográficos, como relevo, hidrografia e divisões políticas.

Figura 1 – Exemplo de mapa tátil da África adaptado para atividades inclusivas em sala de aula.



Fonte: Dados da pesquisa (2025).

Na Figura 2, observa-se um estudante público da Educação Especial, com deficiência intelectual, participando ativamente do processo de construção do mapa tátil durante a aula de Geografia. A atividade foi planejada para garantir sua participação, respeitando suas especificidades. Com apoio da professora regente e, quando necessário, em colaboração com a docente do Atendimento Educacional Especializado (AEE), o estudante realiza as etapas da confecção do material, demonstrando envolvimento no processo de aprendizagem.

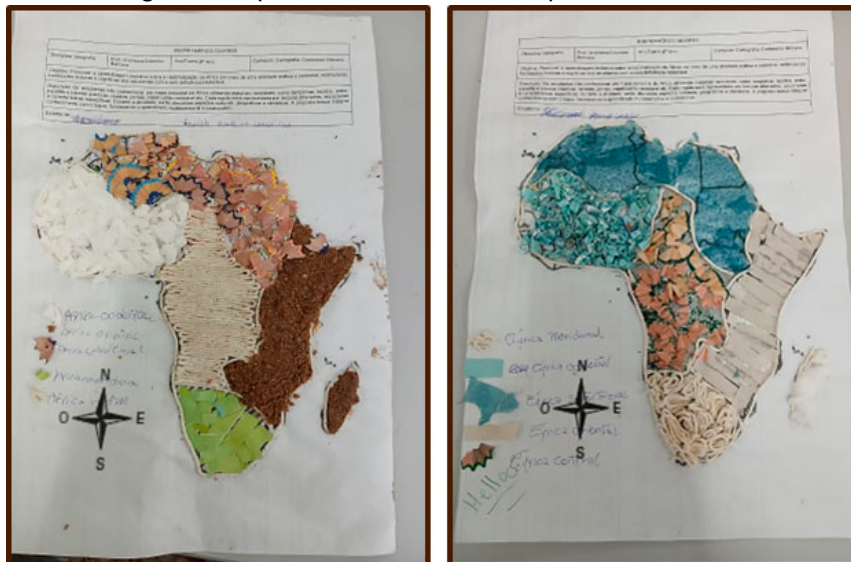
Figura 2: Estudantes da 8ª série confeccionando os mapas táteis em sala de aula.

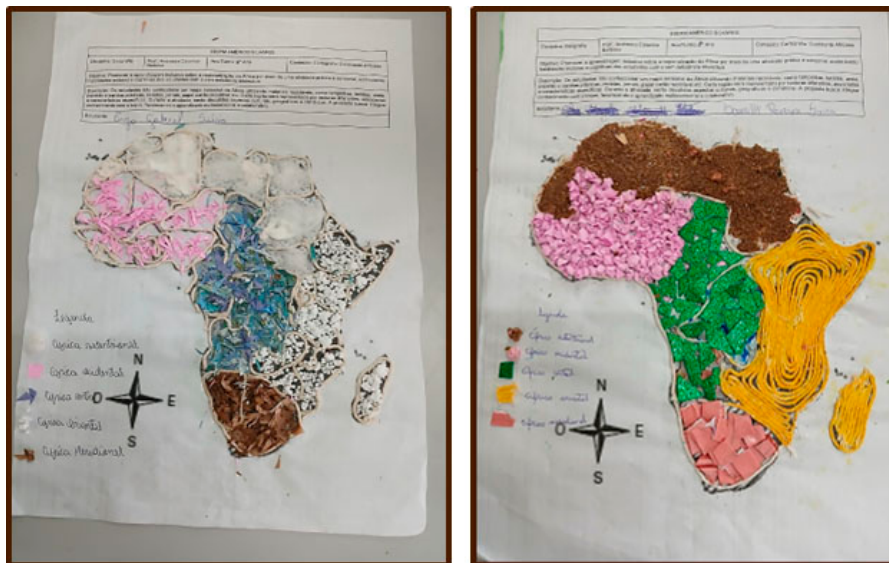


Fonte: Dados da pesquisa (2025).

Na Figura 3, observa-se os mapas confeccionados pelos estudantes durante a aplicação da sequência didática nas aulas de geografia.

Figura 3: Mapas táteis confeccionados pelos estudantes.





Fonte: Dados da pesquisa (2025).

3. MATERIAIS NECESSÁRIOS

Quadro 1: Materiais necessários para confecção do mapa tátil.

Papelão
Areia
Lixas
Barbante
Caixa de ovo
Cola quente
Cola branca
Tinta guache
Pincéis
Tesoura
Mapa impresso
Cartolinas coloridas

Fonte: Dados da pesquisa (2025).



4. AVALIAÇÃO

A avaliação dessa sequência didática deve priorizar uma abordagem formativa, que prioriza o acompanhamento do processo de aprendizagem dos estudantes ao longo de todas as etapas da atividade. O objetivo não é apenas verificar se o mapa tátil foi finalizado corretamente, mas compreender como os estudantes mobilizaram conceitos geográficos, aplicaram conhecimentos sobre localização e orientação espacial e utilizaram recursos táteis como apoio à construção do raciocínio geográfico.

Durante as aulas, recomenda-se que o professor observe aspectos como: a participação dos estudantes nas discussões iniciais, a compreensão dos conceitos de cartografia e regionalização do continente africano, a habilidade de relacionar elementos naturais e políticos no mapa e a forma como interagem com os materiais na produção do recurso tátil.

A produção final do mapa também deve ser considerada como instrumento avaliativo. Nela, o professor poderá analisar se os estudantes foram capazes de identificar corretamente as regiões da África, representar limites territoriais e utilizar texturas diferenciadas para indicar relevo, hidrografia ou áreas geográficas específicas.

Para os estudantes com deficiência intelectual, recomenda-se que a participação nesses momentos seja acompanhada de mediação e apoio especializado, quando necessário. A atuação colaborativa entre o professor regente e a professora do Atendimento Educacional Especializado (AEE) pode auxiliar na interpretação das atividades. Essa parceria também possibilita que os estudantes expressem seus conhecimentos de diferentes formas, respeitando



seus ritmos de aprendizado e que tenham oportunidades de demonstrar o que aprenderam ao longo da sequência didática.

Além disso, a avaliação pode incluir momentos de socialização dos trabalhos, em que os estudantes apresentem oralmente suas produções e expliquem as escolhas feitas durante a confecção do mapa. Essa etapa favorece a reflexão coletiva, estimula a argumentação e permite ao professor identificar a autonomia dos estudantes.



SEQUÊNCIA DIDÁTICA II

APRESENTAÇÃO DA SEQUÊNCIA

- **Tema:** CBiomas Africanos
- **Público-alvo:** Estudantes do Ensino Fundamental II
- **Duração:** 4 aulas (50 min cada)
- **Objetivo:** Favorecer a compreensão dos biomas africanos e suas características ecológicas.
- **Habilidade da Base Nacional Comum Curricular (BNCC):**
(EF08GE19) Interpretar cartogramas, croquis e anamorfoses com informações sobre África e América.

1. INTRODUÇÃO AO TEMA

A aula introdutória desta sequência didática tem como objetivo conduzir os estudantes à compreensão dos biomas africanos a partir de uma abordagem inclusiva e sensível às diferentes formas de aprender presentes em sala de aula. O trabalho inicia-se com uma conversa dialogada, na qual o professor explora, de maneira simples, a importância dos biomas para o equilíbrio ecológico do planeta, relacionando-os a fenômenos climáticos, ca-



racterísticas do relevo, tipos de vegetação e formas de vida animal e vegetal típicas de cada região africana.

Para tornar o conteúdo mais próximo da realidade dos estudantes, recomenda-se o uso de imagens ampliadas, vídeos curtos e textos adaptados, que apresentem os sete principais biomas africanos: Floresta Equatorial, Savana, Deserto, Floresta Tropical, Estepe, Vegetação Mediterrânea e Vegetação de Altitude, com destaque para suas características ambientais e relevância ecológica. Durante a discussão, o professor pode incentivar comparações com os biomas brasileiros e provocar reflexões sobre as interações entre sociedade e natureza, abrindo espaço para que os estudantes compartilhem percepções e construam hipóteses.

A partir dessa introdução, os estudantes são gradualmente levados a compreender que os biomas não são apenas conjuntos de elementos naturais, mas sistemas complexos e interdependentes que influenciam diretamente a vida humana e a biodiversidade do planeta. Nesse processo, o papel do professor é importante: além de apresentar os conceitos teóricos básicos, cabe a ele criar pontes entre o conteúdo curricular e o cotidiano dos estudantes, para favorecer a participação da turma.

Essa introdução prepara os estudantes para a etapa seguinte da sequência didática, a construção das caixas táteis, que funcionará como um instrumento prático de aprendizagem para a consolidação do aprendizado. Ao estabelecer desde o início uma relação entre teoria e prática, a proposta contribui para tornar o ensino de Geografia mais inclusivo, ampliando as possibilidades de compreensão sobre a diversidade ambiental do continente africano.



2. MATERIAIS NECESSÁRIOS

Quadro 2 - Materiais utilizados na confecção das caixas táteis

Materiais Utilizados
Barbante de sisal
Papel higiênico e rolos
Areia e brita
Animais de plástico
Folhas de revista e jornal
Tinta guache
Caixa de papelão
Casca de ovo
Pó de serra
Algodão
Galhos secos
Cola quente
Fita crepe
Pedrisco

Fonte: Dados da pesquisa (2025).

3. CONFECÇÃO DAS CAIXAS TÁTEIS

A etapa de confecção das caixas táteis constitui um momento importante da sequência didática, pois possibilita aos estudantes vivenciar de forma prática os conceitos estudados sobre os biomas africanos. O professor deve organizar a turma em pequenos grupos, explicar os objetivos da atividade e orientar a produção dos materiais, incentivando a colaboração e a troca de ideias. Cada grupo ficará responsável por representar um dos sete biomas africanos, utilizando materiais que simulem as características naturais do ambiente representado.

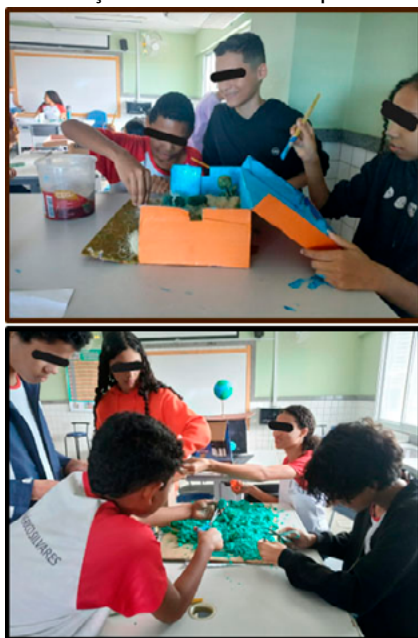
Durante essa etapa, é importante que o docente promova um ambiente inclusivo, em que todos os estudantes participem ativamente do processo criativo. A atividade deve ser conduzida com atenção especial às necessidades edu-



cacionais específicas dos alunos público-alvo da Educação Especial. Quando necessário, a mediação pode contar com o apoio do professor do Atendimento Educacional Especializado (AEE), favorecendo a participação dos estudantes com deficiência intelectual.

Na Figura 3, observa-se um momento dessa prática pedagógica: os estudantes constroem as caixas táteis representando os biomas africanos, utilizando diferentes texturas e materiais para destacar elementos da fauna, flora e clima de cada ambiente. Na mesma imagem, nota-se a participação ativa de um estudante público-alvo da Educação Especial, que manuseia os materiais e colabora na elaboração do recurso pedagógico.

Figura 3: Confeção das caixas táteis pelos estudantes.



Fonte: Dados da pesquisa (2025).



Além da construção manual feita pelos estudantes, a professora regente elaborou previamente os designs que seriam utilizados para caracterizar cada bioma representado nas caixas de papelão. Esses designs foram criados na plataforma Canva e funcionaram como referência informativa para os grupos, auxiliando na organização dos elementos visuais e científicos de cada bioma trabalhado. O material gráfico elaborado, apresentado na Figura 4, pode ser utilizado pelo professor como suporte para a produção das caixas em sala de aula.

Figura 4: Designs produzidos no Canva pela professora regente para orientar a confecção das caixas táteis.







Fonte: Dados da pesquisa (2025).

4. CAIXAS TÁTEIS PRONTAS

Após a etapa de planejamento e confecção, as caixas táteis dos biomas africanos foram finalizadas pelos grupos e se tornaram recursos pedagógicos prontos para uso em sala de aula. Cada caixa representa um bioma diferente e reúne elementos visuais e sensoriais que ajudam os estudantes a reconhecer e compreender suas principais características, como vegetação, clima, relevo e fauna.



O trabalho manual envolveu colagem de materiais variados: tecidos, papéis texturizados, sementes e outros objetos, escolhidos com o objetivo de estimular o tato e facilitar a identificação dos elementos pelos estudantes com deficiência intelectual. Essas caixas, apresentadas na Figura 5, podem ser exploradas em atividades de observação, apresentação oral, associação de conceitos e comparação entre biomas.

Figura 5 – Caixas táteis finalizadas pelos estudantes representando os diferentes biomas africanos.





Fonte: Dados da pesquisa (2025).

5. AVALIAÇÃO

A avaliação desta sequência didática deve ir além da verificação de conteúdos memorizados e buscar indícios qualitativos da aprendizagem construída pelos estudantes ao longo do processo. O uso das caixas táteis possibilita diferentes formas de expressão e compreensão dos conceitos geográficos, permitindo que a avaliação contemple aspectos conceituais, procedimentais e atitudinais.

Do ponto de vista conceitual, recomenda-se observar se os estudantes conseguem identificar e descrever características básicas dos biomas africanos, como clima, vegetação, fauna e localização geográfica. Durante a apresentação dos trabalhos, é importante analisar a capacidade de relacionar esses elementos ao material produzido, demonstrando compreensão do conteúdo.



No campo procedimental, a avaliação deve considerar o envolvimento dos estudantes na construção das caixas, sua habilidade em selecionar materiais adequados para representar cada bioma e a coerência entre os elementos escolhidos e as informações geográficas trabalhadas. A etapa de socialização dos trabalhos também contribui para esse aspecto, pois permite ao professor avaliar como os alunos explicam suas escolhas e utilizam a linguagem científica.

Quanto aos aspectos atitudinais, é relevante observar atitudes de cooperação, respeito às diferenças e participação nas atividades coletivas. A forma como os estudantes interagem durante a construção das caixas e a maneira como acolhem colegas com diferentes ritmos de aprendizagem são indicadores importantes do desenvolvimento de competências socioemocionais e do trabalho colaborativo.

No caso de estudantes público-alvo da educação especial com deficiência intelectual, a avaliação pode ser adaptada de acordo com suas necessidades. Com a mediação da professora do Atendimento Educacional Especializado (AEE) e, se necessário, em regime de trabalho colaborativo com a docente regente, esses estudantes podem ser avaliados pelo processo. Por fim, a avaliação pode incluir momentos de apresentação oral dos trabalhos, nos quais os grupos compartilhem suas produções com a turma.



REFERÊNCIAS

SILVA, Cláudia Mara. **Alfabetização e deficiência intelectual:** uma estratégia diferenciada. Semana Pedagógica, 2016.

VYGOTSKI, Lev Semenovich. **Fundamentos de Defectologia.** Obras Completas, Tomo V, Ed. Pueblo y Educación, Ciudad de la Habana, Cuba, 1995.

AS AUTORAS

ANDRESSA COLOMBO BARBOSA

Licenciada em Geografia pela Faculdade Castelo Branco e mestranda no Programa de Pós-Graduação em Ciência, Tecnologia e Educação do Centro Universitário Vale do Cricaré (UNIVC). Atua desde 2014 na rede pública estadual de ensino com turmas do Ensino Fundamental, desenvolvendo práticas pedagógicas voltadas à inclusão escolar de estudantes com deficiência intelectual.



NILDA DA SILVA PEREIRA

Possui graduação em Filosofia Licenciatura pelas Faculdades Unidas Católicas de Mato Grosso (FUCMT); Especialista em Fundamentos Filosóficos em Educação pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS); mestra e doutora em Educação: Currículo pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP); pós-doutora em Sociologia Política pela Universidade Vila Velha (UVV-ES). Pesquisadora nas temáticas de direitos humanos, pelo Instituto Brasileiro de Inovações pró-Sociedade Saudável Centro Oeste (Ibis|CO); orientadora do Mestrado Profissional em Ciência, Tecnologia e Educação no Centro Universitário Vale do Cricaré (UNIVC).



ISBN: 978-65-6013-170-5

DIÁLOGO
EDITORIAL

